

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE DESIGN DE MODA

Ana Clara Pedroza de Souza Moraes

NEEDLEWORK

Um Diálogo Entre a Tatuagem e o Bordado

Belo Horizonte

Fevereiro 2025

Ana Clara Pedroza de Souza Moraes

NEEDLEWORK

Um Diálogo Entre a Tatuagem e o Bordado

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Projeto de Coleção, apresentado ao Curso de Design de Moda da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Design de Moda.

Orientador: Prof. Dr. Tarcisio D’Almeida

Belo Horizonte

Fevereiro 2025

Resumo

O trabalho "Needlework: Um diálogo entre tatuagem e bordado" propõe a criação de uma coleção feminina composta por dez looks, dos quais quatro foram executados. A coleção explora a intersecção entre duas práticas aparentemente distintas, mas que compartilham diversas semelhanças: a tatuagem e o bordado. Ambas as técnicas utilizam a agulha como ferramenta principal e são meios de expressão artística profundamente conectadas à identidade e à cultura de seus praticantes. A pesquisa abordou a história e a evolução da tatuagem, desde suas origens até sua atual valorização como forma de arte e autoexpressão. O estilo dos *looks* foi inspirado nas subculturas gótica e punk, como forma de referenciar o movimento de contracultura que chegou ao seu ápice nos anos 60 e teve extrema influência na forma que a tatuagem é praticada e vista hoje em dia. O desenvolvimento da coleção resultou em quatro *looks* de grande impacto visual, que combinaram a delicadeza do bordado Luneville com a estética grosseira e *dark* das subculturas.

Palavras-chaves: Tatuagem; bordado; contracultura; autoexpressão.

Abstract

The project "Needlework: A Dialogue between Tattooing and Embroidery" proposes the creation of a women's collection consisting of ten looks, four of which have been executed. The collection explores the intersection of two seemingly distinct practices that share several similarities: tattooing and embroidery. Both techniques use the needle as the primary tool and are forms of artistic expression deeply connected to the identity and culture of their practitioners. The research delved into the history and evolution of tattooing, from its origins to its current appreciation as an art form and means of self-expression. The style of the looks was inspired by Gothic and Punk subcultures, as a way to reference the counterculture movement that peaked in the 60s and had a profound influence on how tattooing is practiced and perceived today. The development of the collection elaborated into four looks with great visual impact, which combined the delicacy of Luneville embroidery with the coarse and dark aesthetic of the subcultures.

Keywords: Tattoo; embroidery; counterculture; self-expression.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 PANORAMA HISTÓRICO E CULTURAL	2
2. PESQUISA ICONOGRÁFICA	7
3. PARA ALÉM DA PELE: O QUE MOVE A COLEÇÃO	9
4. METODOLOGIA.....	11
4.1 CROQUIS	11
4.2 MODELAGEM E COSTURA	22
4.3 ARTES E BORDADOS	24
4.4 LOOKS FINALIZADOS.....	26
5. A PELE COMO INSPIRAÇÃO.....	32
6. CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

“*Needlework*: um diálogo entre tatuagem e bordado” é uma coleção feminina de dez *looks*, dos quais quatro foram executados. O conceito da coleção foi inspirado na junção de duas práticas que inicialmente parecem ter pouco em comum, mas se pararmos para refletir sobre o assunto, poderemos notar diversas semelhanças: a tatuagem e o bordado.

O título dessa coleção foi escolhido pensando na polissemia do termo *needlework* que além de referir-se de forma direta ao bordado, pode também ser traduzido de forma literal como “trabalho com agulha”, assim fazendo alusão a todos os trabalhos realizados usando agulha como ferramenta principal, e por extensão, abrangendo a prática da tatuagem.

Inicialmente, a tatuagem, uma forma de arte corporal antiga com registros que datam de milênios, e o bordado, uma técnica de costura delicada e detalhada, não parecem ter muitas similaridades. No entanto, ambas as formas de expressão usam agulhas como instrumento principal, criando artes e imagens detalhadas que muitas vezes têm um grande valor emocional para quem as recebe e, por vezes, para quem as cria também, essas imagens podem ser apenas uma forma de se expressar e mostrar individualidade ou pode ser o oposto disso, representando o seu pertencimento a uma cultura ou grupo. Ocasionalmente também são feitas como uma forma de recordar algo ou alguém. Seja como for o conceito de ambas muitas vezes é o mesmo, apesar de serem aplicados em telas diferentes e serem vistos pela sociedade de formas bem distintas.

A escolha do tema não se deu apenas por interesse geral no assunto, mas também pessoal por parte da autora que atua como tatuadora. Ao trabalhar com isso por algum tempo foi possível vivenciar diversos momentos importantes na vida de outras pessoas, momentos de auto-aceitação, de felicidade e até mesmo momentos de luto e tristeza. A possibilidade de fazer a diferença na forma como as pessoas se vêem e ser um meio para a formação da identidade visual dos clientes, acabou tornando o que para muitos seria apenas um trabalho em uma experiência pessoal e sentimental para a autora. Desse carinho pela prática, e sua parte nela, surgiu a ideia de incorporá-la de alguma forma no tema da coleção.

1.1 PANORAMA HISTÓRICO E CULTURAL

Muitas pessoas imaginam que a tatuagem é algo recente que começou no último século, mas isso não poderia estar mais distante da realidade. Evidências arqueológicas sugerem que a prática remonta a pelo menos 5000 anos atrás. Pinturas rupestres e restos mumificados mostram figuras com marcas permanentes na pele, indicando que as tatuagens eram parte integrante de várias culturas pré-históricas ao redor do mundo, desde o Egito até a Ásia, passando pela Europa e pelas Américas.

Um dos registros mais antigos e bem conservados, de acordo com Pinkowski (2021), é a múmia conhecida como *Ötzi the iceman* (Ötzi o homem de gelo), encontrada em 1991 por um grupo de alemães que faziam trilha pelos Alpes de Venoso (em alemão: *Ötztaler Alpen*), localizados na divisa entre Áustria e Itália. A múmia teve seu corpo preservado naturalmente pelo gelo e elementos, em sua pele foram encontradas 61 tatuagens. É teorizado pelos arqueólogos que algumas delas foi feita como partes de algum tratamento para dores, uma vez que são localizadas em partes do corpo que costumam ser relacionadas a dores causadas pela idade, outras, como as tatuagens geométricas em seu peito, sugerem ser parte de algum tipo de ritual, porém atualmente não é possível saber ao certo, uma vez que não temos evidência suficiente para afirmar a razão pelas quais as tatuagens foram feitas.

Durante séculos, as tatuagens estiveram associadas a práticas religiosas e rituais de passagem em diversas culturas ao redor do mundo. No Egito Antigo, por exemplo, as tatuagens eram frequentemente usadas como parte de cerimônias religiosas ou marcas dos estágios da vida, de acordo com Barron (2017, p.7), as mulheres do Egito antigo eram quem recebia predominantemente as tatuagens relacionadas a fertilidade, provavelmente como uma forma de preparação para o casamento. Da mesma forma, em muitas culturas indígenas das Américas, as tatuagens eram usadas em rituais de cura, proteção e conexão espiritual com a natureza.

No entanto, a atitude em relação às tatuagens nem sempre foi positiva em todas as culturas. Na antiga China, a tatuagem era praticada como uma forma de punição criminal, marcando os criminosos para identificação pública (Barron, 2017). Similar a situação da China, no Japão feudal a prática da tatuagem, conhecida como *irezumi* ou *horimono*, também era associada à classe marginalizada, incluindo criminosos e trabalhadores de entretenimento. No entanto, durante o período Edo (1603-1868), as tatuagens começaram a se tornar uma forma de arte apreciada, especialmente entre as classes guerreiras, como os samurais. As tatuagens japonesas,

muitas vezes feitas à mão com técnicas tradicionais, apresentam designs complexos e simbólicos, frequentemente retratando criaturas mitológicas, flores e paisagens.

Conhecida como irezumi, a tatuagem japonesa se desenvolveu no período Edo (de aproximadamente 1600 a 1868), quando bombeiros e outros homens da classe trabalhadora começaram a usar as costas para exibir cenas elaboradas de xilogravuras que ilustravam histórias e mitos japoneses, começando com o romance Suikoden. Essas estampas apresentavam heróis, guerreiros, deuses e deusas, dragões, carpas japonesas, tigres, flores e outras imagens. As imagens geralmente são cercadas por imagens de fundo japonesas icônicas, como nuvens, ondas de dedos e barras de vento. As costas largas desses homens criaram um espaço perfeito para essas imagens coloridas e detalhadas. (DeMello, 2014, p.41, tradução nossa)

No Ocidente, a tatuagem foi reintroduzida no século XVIII, durante as grandes navegações e expansão colonial, quando os exploradores europeus testemunharam e adotaram as práticas de tatuagem dos povos que encontraram, principalmente, em suas viagens às ilhas do Pacífico.

O explorador britânico James Cook teve uma grande participação nessa reintrodução, ele e sua tripulação testemunharam a prática de tatuagem entre os povos polinésios, incluindo os Samoanos, os Maori da Nova Zelândia e outros grupos indígenas. Em seus diários e relatos de viagem, James Cook descreveu as tatuagens que viu, e a palavra *tatau* foi registrada pela primeira vez em textos europeus através desses relatos, a palavra tatuagem, ou em inglês *tattoo*, é uma anglicização desse termo, e foi adotada pelos europeus para descrever o processo de marcação permanente da pele com pigmentos.

Em sua primeira viagem para Nova Zelândia, em 1769, o artista da tripulação de Cook desenhou representações das tatuagens usadas pelo povo Maori, conhecida como o *Moko*, que são tatuagens faciais curvilíneas feitas como sinal de status.

Segundo Barron (2017, p.7, tradução nossa):

Com referência às práticas de tatuagem dos guerreiros Maori da Nova Zelândia, *Moko*, Hambly argumentou que os desenhos das tatuagens não eram para ornamentação, mas serviam para representar significados específicos, como destreza em batalha e para mostrar status social alto dentro de grupos tribais e, como tal, havia uma “riqueza de significado ligada ao processo de marcação corporal” (2009, p. 46). Além disso, os distintivos desenhos faciais dos Maoris também possuíam uma função no pós-morte, uma vez que os padrões seriam reconhecíveis pelo seu espírito-guia, um espírito que os Maoris acreditavam que lhes permitiria navegar no seu caminho para o próximo mundo após a sua morte. Consequentemente, numerosas culturas antigas consideravam a prática da tatuagem como servindo a propósitos tribais sociais

e culturais vitais, mas também atuando como totens simbólicos de proteção e mecanismos espirituais contra o mal e o infortúnio, na medida em que as tatuagens permitiam que “as pessoas se refizessem aos seus olhos e aos olhos do seu deus ou deuses”

Durante sua interação com as diversas tribos situadas na Polinésia, parte da tripulação de James Cook, interessados e curiosos a respeito da prática, decidiu aderir ao costume local e começaram a ser tatuados pelos nativos, assim participando ativamente na importação da cultura da tatuagem para a Europa (DeMello e Rubin, 2000).

Infelizmente, junto com a exploração das ilhas do Pacífico no século XVIII e novo interesse dos europeus nas pessoas de lá e seus costumes, nativos começaram a ser levados para a Europa e expostos como atrações em pubs, museus e feiras, e até mesmo feiras mundiais, nas quais a exposição de nativos era contrastada com as maiores descobertas ocidentais, a intenção era forçar uma narrativa de que os nativos são selvagens e primitivos e enfatizar como a sociedade ocidental era avançada e civilizada, promovendo ainda mais a ideologia colonialista da época.

As exposições de nativos demoraram para chegar nos Estados Unidos, tendo começado em 1876 a princípio sendo exposições de aldeias nativas, essas exposições foram o que abriu caminho para o que mais tarde seria chamado de *freak show*, espetáculos nos quais pessoas, que eram consideradas aberrações pela sociedade da época eram exibidas.

Por causa dessas exposições e a forma extremamente pejorativa em que os nativos eram retratados, tatuagens eram vistas como marcas de selvageria, porém não demorou muito para essa visão ser esquecida na América do Norte, de acordo com DeMello e Rubin (2000, p. 49, tradução nossa): “A origem dessa transição pode ser encontrada no estilo de vida dos marinheiros e no que isso representava para muitos homens da classe trabalhadora de onde vinham: aventura, viagens, lugares e pessoas exóticas, e liberdade de espírito”, graças a isso logo a tatuagem passou de marca de selvageria para símbolo de aventura.

No século XIX, a prática de tatuagem teve seus altos e baixos, mesmo com a conotação negativa que lhe foi aderida inicialmente, a forma de arte corporal permanente logo atraiu a atenção e interesse da aristocracia europeia, de acordo com Barron (2017, p.10, tradução nossa):

Mas embora o desejo intensificado de adquirir tatuagens, que se espalhou pelos séculos seguintes se manifestasse mais comumente entre os marinheiros e os militares, uma legitimidade respeitável foi temporariamente concedida à prática graças a obtenção de tatuagens por numerosos membros da

aristocracia, como o czar Nicolau II da Rússia e do Kaiser Guilherme da Alemanha. Na verdade, há rumores de que o tatuador britânico Alfred South supostamente tatuou um tigre de Bengala travado em combate com uma cobra píton na Rainha Vitória (Mifflin, 2013) (embora seja importante notar que figuras contemporâneas da nobreza, como o Príncipe Herdeiro Frederik da Dinamarca e o primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, ambos ostentaram abertamente suas tatuagens). No entanto, este apelo aparentemente igualitário da tatuagem rapidamente desapareceu e uma configuração de classe distinta de indivíduos que escolhiam ser tatuados passou progressivamente a ser associada a “tipos vulgares e desagradáveis” que habitualmente frequentavam “áreas urbanas de má reputação”

No século XIX, a tatuagem passou por uma série de mudanças significativas que prepararam o terreno para sua evolução posterior. A invenção da máquina de tatuagem elétrica por Samuel O'Reilly em 1891 revolucionou a prática, tornando-a mais rápida e precisa. No entanto, a tatuagem ainda enfrentava oposição e estigma em muitas partes do mundo ocidental, sendo frequentemente associada à criminalidade, marginalidade e rebeldia.

Após a criação da primeira máquina elétrica de tatuagem no fim do século XIX muita coisa começou a mudar no campo da arte corporal, no início do século XX Samuel O'Reilly e Charlie Wagner, nos Estados Unidos, começaram a desenvolver técnicas mais avançadas, não demorou para o estilo americano de tatuagem ser criado, com linhas grossas e fortes, sombreados escuros, e a introdução de cores, essas técnicas abriram o caminho para que Sailor Jerry oficialmente criasse o estilo *old school*, atualmente também conhecido como tatuagem tradicional americana, sendo até hoje muito conhecido e adorado por tatuadores e entusiastas da área. Essa mudança no visual da tatuagem junto com o surgimento de movimentos culturais como o *punk* e o *rock 'n' roll* e o fato de diversas celebridades começarem a ostentar abertamente suas tatuagens, fez com que a percepção que muitos tinham sobre a prática mudasse, transformando-a de uma prática associada principalmente a marinheiros e marginais em uma forma de arte reconhecida.

Na década de 1960, a tatuagem experimentou um renascimento significativo como parte do movimento de contracultura. Diferentes grupos marginalizados começaram a usar a tatuagem como uma forma de expressão de rebeldia e não conformismo, começando por motoqueiros, seguidos por *hippies* e a comunidade LGBT.

Alguns tatuadores ficaram especialmente conhecidos na época como Lyle Tuttle e Don Ed Hardy, o destaque ganhado por eles ajudou a popularizar a prática e a elevar seu status como uma forma de arte.

Tuttle não apenas teve grande participação no movimento de contracultura e popularização da tatuagem como também na incrementação de novas regras de biossegurança e higiene na tatuagem, de acordo com DeMello e Rubin (2000, p.68, tradução nossa):

Os usos da tatuagem no movimento de contracultura nos anos 70 e a proeminência do tatuador de São Francisco Lyle Tuttle tiveram um grande papel no florescer da Renascença da Tatuagem. Tuttle também foi influente por outra razão. Ele foi instrumental na atualização das regulações de saúde regendo a tatuagem em São Francisco, e isso foi um fator primário no aumento da profissionalização da tatuagem. Ele notou que uma das razões pelas quais a tatuagem tinha uma reputação tão ruim era por causa das más práticas de saneamento da maioria dos tatuadores dos EUA em meados do século. O banimento da tatuagem na cidade de Nova York, por exemplo, estava ligado à incidência de hepatite sendo transmitida por meio de agulhas de tatuagem infectadas. Por isso era claro para muitos que para que a tatuagem sobrevivesse, e para atrair novos clientes, os regulamentos de saúde teriam que ser mais severos.

Nos anos 1980, a tatuagem começou a se tornar mais *mainstream*, com o surgimento de estúdios de tatuagem comerciais e a popularização de convenções de tatuagem. A tatuagem foi cada vez mais vista como uma forma de expressão pessoal e uma declaração de identidade, à medida que pessoas de todas as esferas da vida adotaram a prática. Ao mesmo tempo, a tatuagem também foi comercializada e incorporada à cultura de consumo, com o surgimento de produtos relacionados à tatuagem, como roupas, joias e acessórios.

Desde os anos oitenta, os estilos de tatuagem se multiplicaram, e clientes hoje em dia podem escolher entre tribal, neotribal, circuitry, Celta, Japonesa, neotradicional, foto-realista, estilo Chicano, e uma série de outros estilos e técnicas. Imagens variam entre cenas de floresta tropical, ficção científica/cenas de fantasia, retratos, cópias de “fine art”, desenhos infantis, designs indígenas do noroeste, e escrita sânscrita, além dos animais mais tradicionais, flores, e corações. Junto das novas imagens, os clientes podem escolher de uma seleção de ideologias com as quais podem dar sentido as suas novas tatuagens. Tatuagens agora podem representar espiritualidade, uma conexão com a terra, um impulso instintivo, ou uma conexão com o primitivo. O que torna essas transformações mais recente especialmente marcáveis é que elas ocorreram dentro de um período de cerca de quinze anos (DeMello e Rubin, p.221, 2000, tradução nossa).

No século XXI, a tatuagem alcançou um nível sem precedentes de aceitação e reconhecimento na sociedade ocidental. Muitos países revogaram restrições legais contra a tatuagem, novos estilos continuam sendo criados a cada dia e a prática tornou-se amplamente

reconhecida como uma forma legítima de arte e autoexpressão pessoal. A tatuagem é agora uma parte integrante da cultura contemporânea, influenciando a moda, a música, a arte e a mídia de maneiras significativas.

2. PESQUISA ICONOGRÁFICA

Ao fazer a pesquisa de tendências procurei coleções que tivessem utilizado tatuagem como tema, entre elas está a coleção de Issey Miyake Primavera/Verão de 1971 intitulada “*Tattoo*”. Nessa coleção Miyake foi pioneiro ao trazer a tatuagem para a moda, incorporando em seus *looks* a arte da tatuagem japonesa conhecido como *Irezumi*, seus *looks* pintados a mão tinham a intenção de trazer a superfície o que normalmente ficaria escondido, se referindo tanto a tatuagem quanto a política que ele escolheu levar para a passarela com as imagens pintadas nos *looks*. Jean-Paul Gaultier também escolheu trazer as tatuagens para as passarelas em sua coleção “*Les Tatouages*” da Primavera de 1994, uma coleção cheia de informação com estampas de tatuagem, corpetes, estampas de grafitti, e até mesmo uma armadura estilo Joana D’arc, referências tribais, indianas e africanas podem ser notadas nos *looks*. Outras coleções também usaram tatuagem como parte do tema, assim como Comme des Garçons Homme Plus FW15, de Rei Kawakubo, que colaborou com o tatuador Joseph Ari Aloï, que é conhecido por seu estilo rabiscado que estava presente nos designs das estampas de meias e mangas que apareciam por baixo das outras peças dando a impressão de tatuagens aparecendo por baixo da roupa, a “*Vetements SS19*”, de Demna Gvasalia, e pôr fim a Maison Margiela na sua coleção Couture da primavera de 2014, que trouxe em dois de seus *looks* bordados em pedraria inspirados no trabalho do famosa tatuador Sailor Jerry, no estilo *old school*.

Todas as coleções citadas anteriormente ou usaram a tatuagem como tema, ou encontraram uma forma de aderi-la aos seus designs dentro do tema escolhido, a coleção que pretendo criar tem como ideia central transformar o bordado em uma ferramenta de expressão que imita a estética e o estilo da tatuagem. Ao invés de utilizar tinta sobre a pele, a coleção emprega linhas e pontos cuidadosamente bordados em tecidos diversos para criar desenhos que evocam a sensação de tatuagens reais. Essa abordagem permite que os padrões e símbolos associados à tatuagem sejam traduzidos para o mundo da moda de uma forma única e inovadora.

Fig. 1: Look da coleção Primavera 94 do estilista Jean Paul Gaultier.



Fonte: Vogue Runway.

Fig. 2: Looks da coleção SS19 do estilista Demna Gvasalia.



Fonte: Vogue France.

Fig. 3: Look da coleção Couture primavera 14 do estilista Martin Margiela.



Fonte: Vogue Runway.

Fig. 4: Look da coleção Primavera/Verão 1971 do estilista Issey Miyake.



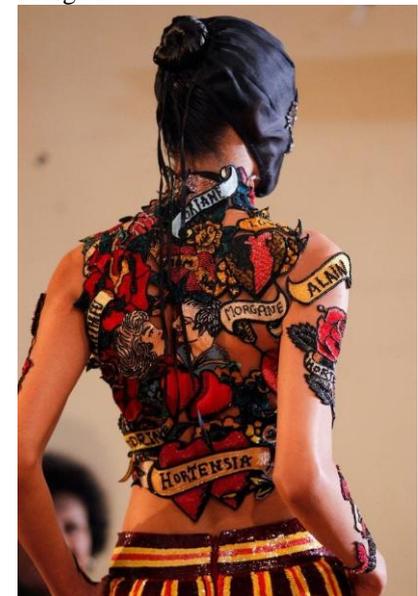
Fonte: NSS Magazine.

Fig. 5: Look da coleção Homme Plus FW15 da estilista Rei Kawakubo.



Fonte: DAZED.

Fig. 6: Look da coleção Couture primavera 14 do estilista Martin Margiela.



Fonte: Vogue Runway.

3. PARA ALÉM DA PELE: O QUE MOVE A COLEÇÃO

O principal objetivo deste projeto é explorar como o bordado pode ser utilizado para representar a tatuagem nas roupas e recriar as artes que tantos marcam em suas peles nos *looks*. Procuo criar um diálogo entre tatuagem e bordado e conseqüentemente entre a arte corporal e a moda, a fim de enriquecer a narrativa por trás das vestimentas, oferecendo uma nova perspectiva sobre a relação entre corpo, arte e indumentária.

Os elementos de design serão diretamente ligados à estética da tatuagem. A coleção apresentará padrões e desenhos inspirados em estilos populares de tatuagem, como *old school*, *black work*, oriental, ornamental, abstrato e *cyber tribal*. Esses desenhos foram cuidadosamente bordados à mão por mim em tecidos variados, incluindo principalmente tule e organza em diversos tons de pele, usando sua transparência para dar a impressão de que os bordados estão de fato na pele de quem usar. Detalhes adicionais, como pedraria, miçangas e fios brilhantes, serão adicionados para dar profundidade e realismo aos *looks*.

A estética da coleção foi inspirada na moda alternativa e em subculturas como *punk* e gótico, usando de diversos tecidos pretos, correntes e *spikes* (espinhos de metal usados em roupas) para compor e contrastar com a transparência do tule e organza. A escolha desses estilos foi em parte pela participação da tatuagem no movimento de contracultura e pela grande participação de artistas associados ao estilo musical *rock'n'roll* na disseminação da tatuagem no mundo atual.

Reconhecendo a crescente popularidade da tatuagem como forma de autoexpressão, e a beleza atemporal do bordado como uma técnica de costura fina, surgiu a ideia de costurar esses dois mundos aparentemente distintos, mas que têm sua ferramenta principal em comum: a agulha. O conceito por trás da coleção é transformar o bordado em uma forma de arte que imita os estilos e padrões encontrados na tatuagem, permitindo que os indivíduos expressem sua personalidade e estilo de uma maneira única e não convencional.

Escolhi as marcas John John, Not Equal e Triton para representar meu público-alvo, uma vez que suas roupas variam entre vanguarda e *fashion*, como eu intento nessa coleção.

Fig. 7: Casa dos Criadores 54, Not Equal.



Fonte: Elle.

Fig. 8: Looks da coleção da Triton para o Inverno de 2015 na SPFW.



Fonte: Rolling Stone.

Fig. 9: Primeira edição do *Journal* da John John com editorial exclusivo de Elle Von Unwerth, em 2018.



Fonte: Vogue.

4. METODOLOGIA

4.1 CROQUIS

Os croquis foram desenvolvidos com a intenção de misturar a estética visual *punk* e gótica, usando do preto como cor base da coleção e o vermelho e cinza como cores de destaque para representar cores comumente usadas por quem faz parte dessas subculturas. Foram também usados detalhes como *spikes*, correntes e *safety pins* para aumentar o impacto visual.

Os croquis foram criados com o intuito de mostrar a dualidade das duas práticas usadas como tema, a ideia de rebeldia que a tatuagem costuma trazer com a delicadeza dos bordados



Fig. 10 Look 1



Fig. 11 Look 2



Fig. 12 Look 3

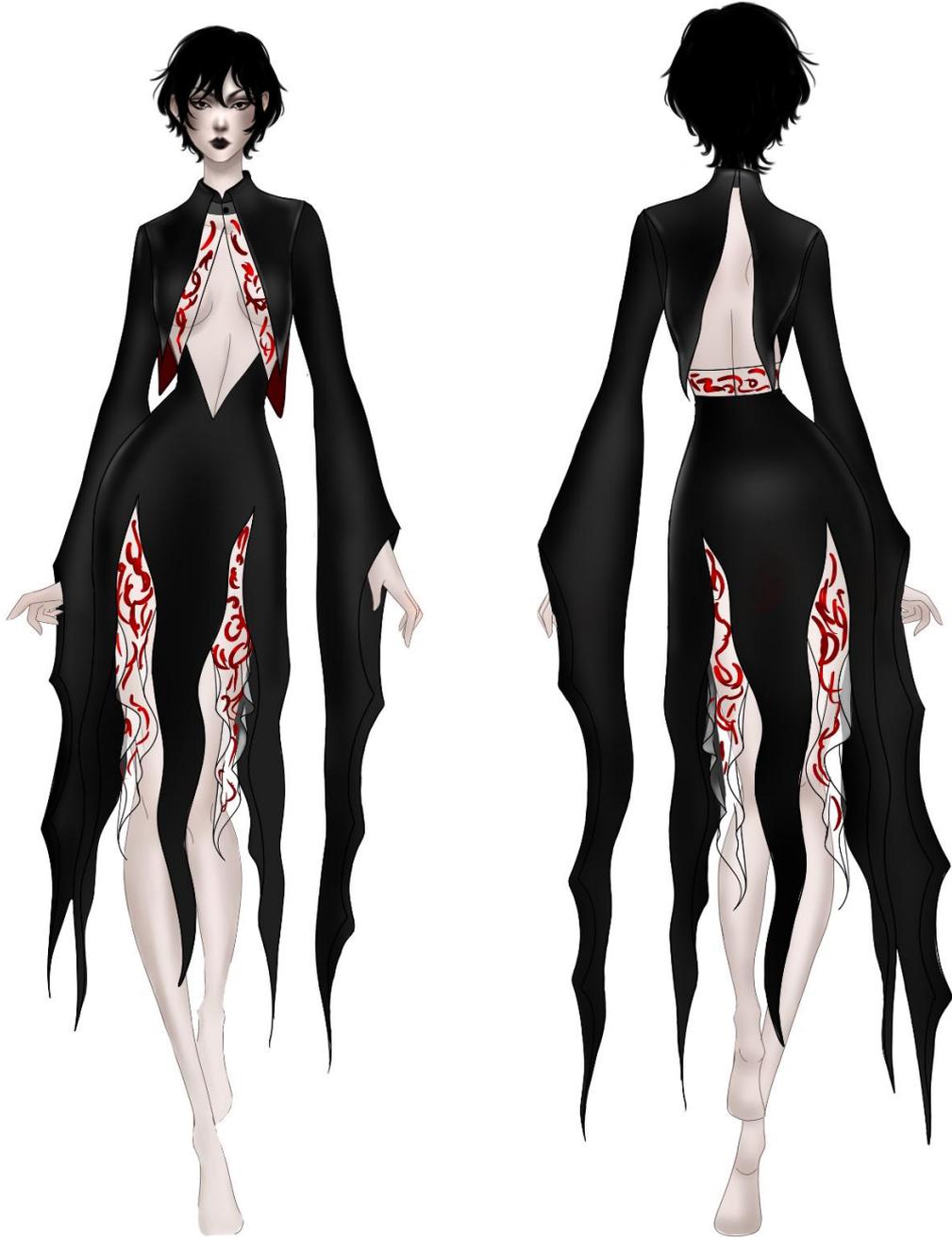


Fig. 13 Look 4



Fig. 14 Look 5



Fig. 15 Look 6



Fig. 16 Look 7



Fig. 17 Look 8



Fig. 18 Look 9



Fig. 19 Look 10

4.2 MODELAGEM E COSTURA

A execução do projeto se deu por uma mistura de moulage e modelagem plana, a moulage tendo sido usada principalmente para tirar as medidas diretamente no manequim. Ao trabalhar com o tecido sobre o manequim, tornando possível ajustar e moldar as peças de maneira a garantir o caimento ideal testando o que daria certo ou não. Com as medidas e os ajustes definidos através da moulage, essas informações foram então transferidas para a modelagem plana, foram criados então moldes de papel que replicassem o ajuste e as proporções definidos no manequim.



Fig. 20 Jaqueta do Look 1



Fig. 21 Top e Saia do Look 1



Fig. 22 Jaqueta do Look 2



Fig. 23 Shorts do Look 2

A combinação dessas duas técnicas no desenvolvimento da coleção trouxe uma série de

benefícios. A moulage possibilitou uma exploração criativa mais livre e permitiu ajustes detalhados, enquanto a modelagem plana garantiu um corte mais preciso dos tecidos.

As peças que se provaram mais complicadas foram as jaquetas, uma vez que tiveram que ser feitas a partir de tentativas e erros, suas modelagens não são comuns e precisaram de tempo e paciência.

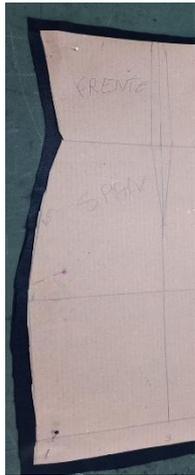


Fig.24 Frente
Look 3

Fig. 25 Costas Look 3

Fig. 26 Manga Look 3

Fig. 27 Corpinho Look 3



Fig.30



Fig.28 Manga
Look 4

Fig.29 Gola Look 4

Fig. 31 Gola e corpinho Look 4

Estão presentes nos *looks* tecidos com diversos tipos de texturas e que variavam entre

brilhosos e opacos, entre eles foram utilizados couro sintético, cetim chanel, gabardine, jeans indigo, jeans encerado e veludo, a intenção foi usar os contrastes entre eles para chamar atenção por meio do estranhamento para as peças.

4.3 ARTES E BORDADOS

A criação das artes dos bordados foi bastante similar a forma que tatuadores criam a arte de seus trabalhos, foi necessário prestar atenção na anatomia do local onde o bordado ficaria no corpo de quem usasse as peças e pensar no melhor encaixe possível das artes nas peças. Todo o desenho tem de ser planejado com isso em mente.

O estilo artístico de tatuagem *blackwork* foi majoritariamente, porém não exclusivamente utilizado na criação das artes, outros estilos como ornamental, abstrato, floral e *old school* também foram aderidos. Parte da criação das artes foi feita por meio digital, outra parte foi feito com o que os tatuadores chamam de *freehand*, que se trata simplesmente de fazer o desenho a mão livre logo antes de tatuar.

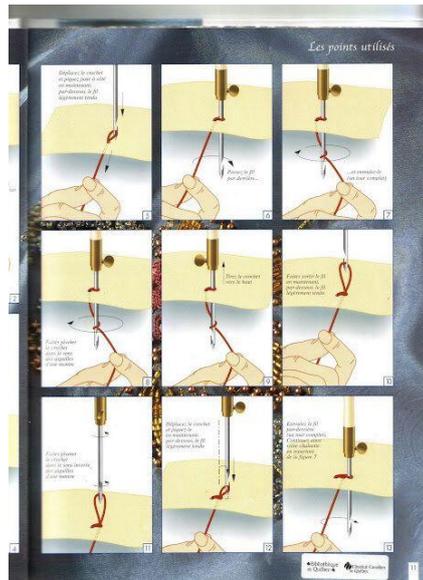
A seguir estão as duas artes que foram criadas pela autora digitalmente.



Fig. 32 Arte para o Bordado Look 1. Criação da Autora. **Fig. 33** Arte para o Bordado Look 2. Criação da Autora.

Ao terminar de criar as artes dos bordados passamos para a fase de confecção dos mesmos, o estilo de trabalho usado foi o bordado Luneville, que é a técnica usada para bordar pedrarias em Moda Festa.

Fig 34: Passo a passo para executar o bordado *Luneville*



Fonte: FOURISCOT e GRAVELIER (2003, p.11).

O desenvolvimento do bordado se provou bem mais demorado e custoso do que havia sido previsto, foram muitas horas de trabalho empregadas para possibilitar a finalização.



Fig. 35 Bordado do Look 2, desenvolvido pela autora

4.4 LOOKS FINALIZADOS



Fig. 36 Look 1 finalizado



Fig. 37 Bordado do Look 1 desenvolvido pela autora



Fig. 38 Look 2 finalizado



Fig. 39 Look 3 finalizado



Fig. 40 Bordado do Look 3 desenvolvido pela autora



Fig. 41 Look 4 finalizado

5. A PELE COMO INSPIRAÇÃO

Este trabalho visa explorar as possibilidades de incorporar elementos da cultura e da arte da tatuagem em coleções de moda, abrindo espaço para diálogos e reflexões sobre questões de identidade, individualidade, beleza e autoexpressão. Ao reimaginar a tatuagem por meio do bordado, busca-se também desafiar as convenções estéticas e sociais associadas a ambas as práticas artísticas, promovendo uma apreciação mais profunda e holística da arte e da moda.

Em última análise, esta pesquisa aspira a contribuir para o avanço do campo da moda, oferecendo uma abordagem inovadora e criativa para o design de roupas que celebre a diversidade e a expressão individual. Por meio da criação de uma coleção de roupas inspirada na imitação da tatuagem usando bordado, busca-se ampliar o horizonte estético da moda contemporânea e inspirar novas formas de expressão criativa na indústria do vestuário.

6. CONCLUSÃO

A coleção foi concebida com o objetivo de explorar as conexões entre duas formas de expressão artística que, à primeira vista, parecem distintas, mas que compartilham uma profunda relação com a identidade, a autoexpressão e o corpo. Através de uma análise cuidadosa das origens e significados culturais da tatuagem, e da aplicação dessas ideias ao mundo da moda por meio do bordado, foi possível criar uma linha de peças que não só imitam a estética da tatuagem, mas também trazem à tona discussões sobre a transposição de uma arte corporal para uma arte vestível.

A pesquisa histórica e cultural realizada sobre a tatuagem revelou a sua longa e complexa trajetória, desde suas raízes em rituais religiosos e práticas tribais até sua aceitação como forma de arte contemporânea. Este panorama permitiu uma compreensão mais profunda das razões pelas quais as pessoas escolhem marcar permanentemente suas peles e como essas marcas refletem aspectos fundamentais de suas identidades. Ao transpor esses elementos para o bordado, foi possível criar uma coleção que não só homenageia essa forma de expressão, mas também oferece uma nova maneira de explorar o corpo como tela.

Em última análise, este trabalho não só alcançou seus objetivos de criar uma ponte entre o bordado e a tatuagem, mas também ampliou os horizontes estéticos e conceituais da moda

contemporânea. A coleção "*Needlework*" é um testemunho da capacidade da moda de incorporar e reinterpretar outras formas de arte, oferecendo novas possibilidades de expressão e identidade. Ao transformar a arte da tatuagem em bordados vestíveis, este projeto não só celebra a beleza e a complexidade de ambas as práticas, mas também desafia as convenções sobre o que é considerado arte e como ela pode ser expressa no corpo humano.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, MICHAEL. **Tattooed**: the Sociogenesis of a Body Art. Toronto: University of Toronto Press. 2003.

AnOther Magazine, MIYAKE ISSEY EXHIBITION: The Work of Miyake Issey installation view at The National Art Center Tokyo, Photography by Masaya Yoshimura, 2016, figura 1. Disponível em: <https://www.anothermag.com/fashion-beauty/8666/universal-fashion-celebrating-45-years-of-issey-miyake> (Acesso em: 20 de junho de 2024)

BARRON, Lee. **Tattoo Culture**. 1. ed. Rowman & Littlefield Internacional. 2017.

BLANKS, Tim. Maison Margiela Spring 2014 Couture. **Vogue**. 21 de Janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2014-couture/maison-martin-margiela#review> (Acesso em: 10 de Janeiro de 2025)

BRAUN, Freddie. Tattoos Through Fashion History? It's Complicated. **Vogue**. 20 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.vogue.co.uk/beauty/article/tattoo-history-fashion>. (Acesso em 3 de março de 2024)

COMPAIN, Hugo. Throwback : Demna Gvasalia raconte son histoire à travers le défilé Vetements printemps-été 2019. **Vogue France**. 1 de Julho de 2019. Disponível em: <https://www.vogue.fr/vogue-hommes/article/story/tout-ce-que-vous-devez-savoir-sur-le-defile-vetements-printemps-ete-2019-est-ici/2911> (Acesso em 20 de janeiro de 2025)

DEMELLO, Margo e RUBIN, Gayle. **Bodies of Inscription**. Duke University Press. 2000.

DEMELLO, Margo. **Inked**: Tattoos and Body Art around the World. 1ª edição. ABC-CLIO. 2014.

DAZED, Comme des Garçons Homme Plus AW15, Figura 10. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/fashion/gallery/19169/9/comme-des-garcons-homme-plus-aw15> (Acesso em: 20 de junho de 2024)

FIRTH, Lewis. Comme des Garçons Homme Plus FW15. **HERO Magazine**. 3 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://hero-magazine.com/shows/comme-des-garcons-homme-plus-fw15> (Acesso em: 13 de março de 2024)

FOURISCOT, Mick e GRAVELIER, Roland. **La Broderie de Lunéville**. Cidade: Editora, 2003.

HEBDIGE, Dick. **Subculture**. 1. ed. London: Routledge. 2012

Jean Paul Gaultier SPRING 1994 READY-TO-WEAR. **Vogue Runaway**. 25 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-1994-ready-to-wear/jean-paul-gaultier#gallery-detail> (Acesso em: 14 de março de 2024)

LAU, Susie. Comme des Garçons Homme Plus AW15. **DAZED**. 24 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/fashion/article/23366/1/comme-des-garcons-homme-plus-aw15> (Acesso: 13 de março de 2024)

MOWER, Sarah. Vetements SPRING 2019 MENSWEAR. **Vogue**. 1 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2019-menswear/vetements#gallery-collection> (Acesso em: 12 de março de 2024)

PINKOWSKI, Jenniffer. Ötzi the Iceman: What we know 3 decades after his Discovery. **National Geographic**. 15 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/premium/article/otzi-the-iceman-what-we-know-3-decades-after-his-discovery> (Acesso em: 5 de março de 2024)

ROLLING STONE, São Paulo Fashion Week: Triton faz desfile inspirado no universo de Star Wars. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/galeria/triton-faz-desfile-inspirado-no-universo-de-istar-warsi-no-sao-paulo-fashion-week/> (Acesso em: 5 de Janeiro de 2025)

SORDI, Chantal. CASA DE CRIADORES 54: NOTEQUAL. **Elle**. 27 de julho de 2024. Disponível em: <https://elle.com.br/desfiles/casa-de-criadores-54-notequal> (Acesso em: 20 de dezembro de 2024)

VOGUE. Ellen von Unwerth fotografa ensaio exclusivo na estreia do Journal da John John. 27 de Novembro de 2018. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2018/11/ellen-von-unwerth-fotografa-ensaio-exclusivo-na-estreia-do-journal-da-john-john.html> (Acesso em: 20 de dezembro de 2024)